



RUMO INVEST I

Carta Mensal

agosto 2026

rumonegocios.com.br



Reflexões: Posicionamento, Assimetria e Risco de Estar Fora

Prezados coinvestidores,

Há uma variável que costumeiramente não acompanhamos com atenção no âmbito de nossa estratégia e de nossa filosofia de investimento, mas que, no momento, acreditamos estar explicando boa parte do comportamento dos ativos e que tende a seguir relevante nas próximas semanas: o posicionamento.

A fotografia é que grande parcela do capital se encontra fora da bolsa de valores. Após anos de resgates, fundos de pensão e multimercados reduziram a exposição a ações domésticas a patamares historicamente baixos, e o movimento recente do investidor estrangeiro apenas reforçou esse quadro. Ora, uma posição tão leve tem uma consequência assimétrica pouco discutida: o principal risco deixa de ser a queda e passa a ser a alta.

Eis o porquê. Para quem já carrega uma exposição relevante, um desfecho adverso significa perda de patrimônio. Contudo, para quem está integralmente fora, um desfecho favorável significa algo muito desconfortável para o ofício da gestão: ficar para trás. E é por isso que a construção de um *hedge* de alta passa a ser uma decisão racional e cada vez mais comum: a ideia é proteger-se contra a própria ausência.

Nesse sentido, alguns gestores passaram a montar operações que, com um custo relativamente baixo, garantem participação numa eventual alta da bolsa, sem precisar comprar ações de imediato. Essas operações costumam ser feitas por meio de instrumentos que acompanham o Ibovespa como um todo, tanto aqui quanto em fundos negociados nos Estados Unidos que replicam a bolsa brasileira. Vale registrar que se trata de um movimento ainda inicial: identificamos o padrão, mas não podemos dizer que ele já se consolidou.

Mister pontuar que a lógica desse posicionamento guarda relação direta com o quadro eleitoral. As pesquisas evoluíram sugerindo um equilíbrio maior do que parte do mercado parece admitir. A leitura honesta dos números, a nosso juízo, está mais próxima de algo em torno de 50/50 na disputa eleitoral do que dos 70/30 que ainda circulam em conversas de mesa. E quando a probabilidade percebida se afasta da probabilidade precificada, criam-se as condições materiais para que estruturas de baixo custo e elevada convexidade (estruturas de baixo custo e alto potencial de ganho) façam sentido econômico.

Daí decorre nossa leitura para o período à frente, explicada da forma mais didática possível: se mais gestores seguirem esse caminho, a demanda gerada por essas operações pode ajudar a dar sustentação à bolsa, ao menos até a divulgação das

próximas pesquisas e o término do pleito. É uma força nova, que não estava presente nos meses anteriores.

Por fim, cabe a ressalva de sempre. Essa sustentação não decorre de uma melhora nas empresas, mas do movimento de dinheiro entrando no mercado (e dinheiro que entra rápido também pode sair rápido). Uma mudança relevante nas pesquisas pode inverter esse fluxo com a mesma velocidade. Por isso, tratamos esse fenômeno como aquilo que ele é: uma observação sobre o comportamento do mercado, não uma razão para mudar nossa forma de investir. Prezados, nossas decisões continuam ancoradas no que sempre nos guiou: boas empresas, compradas a preços que consideramos atrativos, com paciência para o longo prazo.

Atualizações: Bolsa, Juros, Fiscal, Política e Mais...

Agosto foi um mês de contrastes. No exterior, o apetite a risco prevaleceu: o S&P 500 avançou 2,6% e o Nasdaq, 4,18%. No mercado doméstico, o Ibovespa encerrou praticamente estável, com leve queda de 0,33%, enquanto o índice de small caps recuou 1,04%. Vale notar que o dólar perdeu 0,5% frente à cesta de moedas, mas ganhou 2,2% em relação ao real – sinal claro de que parte relevante do desconforto do período teve origem local.

Entre as commodities, o destaque ficou com o complexo agrícola, que ajudou o índice agregado a subir 6,6%. O açúcar avançou 21,5%, o algodão 14,2% e a soja 7,5%. Por trás desse movimento está a percepção de uma oferta mais apertada: no açúcar, pela menor produção indiana; no algodão, pela sua conhecida correlação com o petróleo. Soma-se a isso a possibilidade de chuvas abaixo da média no Centro-Oeste e no oeste da Bahia, caso os efeitos do El Niño se confirmem. Não é possível, neste momento, dimensionar esse impacto com segurança. Mas cabe uma observação: se eventuais quebras de safra se concentrarem em concorrentes como Estados Unidos e Argentina, o Brasil tende a se beneficiar de preços mais altos sem sofrer na mesma proporção com a perda de volume.

Nos Estados Unidos, o tom mais duro de Kevin Warsh, sinalizando que o FED poderia ter trabalho adicional caso a inflação não convirja para a meta no ritmo desejado, elevou as apostas em novas altas de juros e fortaleceu o dólar. O Tesouro americano, por sua vez, tem atuado para conter esse fortalecimento. Já o petróleo, que chegou a se aproximar de USD 70 por barril no início do mês, voltou à casa dos USD 90 após novos ataques norte-americanos ao Irã – devolvendo boa parte do alívio que registramos em junho.

No Brasil, o Copom reduziu a Selic em 0,25 ponto, para 14% ao ano (em setembro houve nova redução). A nosso ver, a decisão parece apoiar-se mais na expectativa de que os dados melhorem do que nos dados propriamente ditos. É plausível que

haja algum desconforto no colegiado com a manutenção de juros tão elevados por tanto tempo, dados o endividamento das famílias e o número recorde de empresas em recuperação judicial e extrajudicial. Isso sem mencionar o efeito que um juro real tão alto exerce sobre a já preocupante trajetória da dívida pública.

Ainda assim, o Ibovespa, que chegou a cair quase 7% ao longo do mês diante de forte saída de capital estrangeiro, encerrou agosto praticamente no zero a zero. Parte dessa recuperação, ao que tudo indica, decorre de uma mudança de humor em relação ao cenário eleitoral. Até pouco tempo atrás, parcela expressiva do mercado tratava a continuidade do atual governo como desfecho provável – quase certo, para alguns. Ao longo do mês, porém, o desgaste associado a denúncias de corrupção elevou a rejeição do atual presidente, enquanto a oposição passou a sinalizar nomes técnicos para a condução da economia. Diversos institutos já apontam empate técnico, depois de uma diferença que chegou a superar 15 pontos.

Ora, o mercado parece ter passado a enxergar que a continuidade traz consigo uma incerteza sobre como, e se, o ajuste fiscal será feito, enquanto a alternância ofereceria maior previsibilidade nesse campo.

Overview do Rumo Invest...

Em agosto, o Rumo Invest I registrou rentabilidade de -1,97%, enquanto o Ibovespa recuou 0,33% e o CDI rendeu 1,09%. Com isso, a carteira acumula alta de 0,99% em 2026, resultado aquém tanto do Ibovespa, que avança 10,11% no ano, quanto do CDI, que acumula 9,33%. Não há como tratar esse número com eufemismos: trata-se de um período em que nossa estratégia ficou atrás de seus principais referenciais, e é nosso dever registrá-lo com a mesma clareza com que registramos os bons momentos.

O ano de 2026 tem sido, até aqui, um período de devolução: o forte início, que chegou a levar as cotas a uma valorização superior a 17% no primeiro semestre, foi sendo consumido gradualmente desde abril, ao longo de cinco meses consecutivos de variação negativa.

No mês, os destaques positivos ficaram com Vitru (VTRU3), que avançou 8,14%, Blau (BLAU3), com alta de 7,91%, e Bemobi (BMOB3), que subiu 7,74%. Na ponta negativa, sobressaíram Grupo SBF (SBFG3), que recuou 12,91%, e Unifique (FIQE3), com baixa de 9,83%. No acumulado do ano, PRIO (PRIO3) e Ser Educacional (SEER3) seguem como os grandes vetores de valorização, com altas de 53,12% e 34,10%, respectivamente, enquanto Grupo SBF, CSU Digital (CSUD3) e StoneCo (STOC34) respondem pelas maiores perdas.

Do ponto de vista de alocação, a carteira permanece substancialmente investida: 93,48% em Renda Variável Brasil, 5,03% em Renda Variável Global, 1,48% em proventos a receber e caixa praticamente nulo. São 18 posições, com a maior delas representando 7,78% do patrimônio e as cinco maiores somando cerca de 35%. Trata-se de uma distribuição deliberadamente equilibrada, que evita tanto a concentração imprudente quanto a dispersão sem convicção, e que atravessa diferentes segmentos da economia, como instituições financeiras, educação, saúde, energia, consumo, tecnologia e ativos ligados ao universo imobiliário e logístico.

Mensagem final:

Prezados, vocês sabem que o agricultor experiente não controla as chuvas nem o preço da colheita. Ainda assim, prepara o solo, escolhe boas sementes e planta no tempo certo, aceitando que o restante pertence às estações.

Investir guarda essa mesma lógica. A colheita dos últimos meses foi magra, e não pretendemos disfarçá-lo. Mas o valor de uma lavoura se mede no conjunto das safras, não no mês de estiagem. Nossas sementes, empresas bem geridas, com balanços prudentes e preços descontados, seguem no solo.

Não tentaremos adivinhar o tempo. Seguiremos cuidando da terra, com serenidade, disciplina e paciência.

Agradecemos, como sempre, pela confiança e pela disposição de seguir conosco nesta jornada.

Com Estima, Equipe Rumo Negócios.



rumonegocios.com.br

CONTATO

MARCUS LIMA

ri@rumonegocios.com.br

+55 41 3029-5309

+55 41 9 9909-0009

Disclaimer

Este material tem como principal objetivo compartilhar informações e promover a transparência sobre a gestão conduzida pela Rumo Negócios. Não deve ser interpretado como um convite à compra ou venda de ativos, nem como uma oferta, análise ou recomendação de qualquer tipo de investimento, alocação de recursos ou adoção de estratégias financeiras. Não representa, em nenhuma circunstância, uma oferta de venda de valores mobiliários. Os retornos obtidos em períodos anteriores não garantem resultados futuros, e os rendimentos divulgados não consideram tributos. Os indicadores econômicos apresentados nos gráficos servem apenas como referência e não devem ser entendidos como metas ou parâmetros de desempenho. Investimentos em fundos não contam com garantias por parte do gestor, de mecanismos de seguro ou do Fundo Garantidor de Créditos.